

**Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 24 de janeiro de 2018**

*Texto de referência: L. Giussani, Por que a Igreja, pp. 262-270
Ed. Companhia ilimitada - São Paulo 2015*

Cantos:

- *Si jamais j'oublie*
- *La strada*

*Glória ao Pai
Veni Sancte Spiritus*

Carrón: O que terá acontecido à protagonista desta canção, *Si jamais j'oublie*, para não querer esquecer? “Se eu esquecer [...] / lembre-me de quem eu sou e por que vivo. / [...] Se me esquecer enquanto corro / [...] se um dia fugir, / lembre-me de quem eu sou [...]. Lembre-me de quem eu sou”. Que dramaticidade ter descoberto quem se é e precisar de alguém que nos lembre disso no vai e vem das circunstâncias! Somente alguém que vive assim a experiência elementar pode perceber o alcance do que estamos trabalhando na Escola de Comunidade: ter um lugar onde nos é comunicada a verdade de nós mesmos, onde é despertada constantemente a verdade de nós mesmos, para que não prevaleça o esquecimento. Sem isso, acabaremos no nada. Esta é a beleza do caminho que fazemos! Como diz a Escola de Comunidade, somente participando de um lugar somos introduzidos à verdade de nós mesmos, não à verdade de modo abstrato, mas a “vibração inefável e total” que faz com que eu me torne um eu, que me leva a fazer a experiência elementar de quem sou eu, a ponto de desejar não perder mais isso. Esta é a verdade que a Igreja veicula: “Vivendo dentro da comunidade eclesial [...] quase por uma osmose contínua, tais verdades penetram, dia após dia, [...] através da membrana da nossa consciência” (pg 263). Mas se perdemos aquele instante inicial, aquela vibração inicial que fez com que nos déssemos conta do que é um eu, para nós as coisas que lemos se tornam um pedágio a pagar por pertencer, nos sufocam, ao invés de as percebermos como a graça maior (como grita a protagonista da canção). Mas isso não é óbvio. Um amigo do outro lado do mundo me escreve (obviamente não pôde estar aqui para falar): “Em relação ao trecho de *Por que a Igreja* que você pediu para lermos, realmente tenho dificuldade de entender o nexos entre as coisas que leio e as coisas que faço no meu dia a dia. É muito interessante saber o que é um dogma, o que é uma ação *ex cathedra* do Papa e a figura da autoridade em uma comunidade cristã com seus diferentes significados, mas como relaciono essas coisas, por exemplo, com o meu trabalho atual? Não consigo ver a utilidade de saber essas coisas. Não quero diminuir absolutamente nada, então gostaria de pedir uma ajuda”. Deixemos aberta essa pergunta que provavelmente muitos de nós temos. Vamos ver se no decorrer da Escola de Comunidade desta noite fica mais clara a utilidade que tem para a vida. Assim poderemos entender o conteúdo daquilo que dissemos. Para nos ajudar a entender como essa verdade se comunica, Giussani usa uma imagem: a osmose. Sendo uma imagem, tem o valor que tem, e não se pode exagerar com os particulares, senão, no fim, a imagem prevalece sobre o significado. É uma imagem que mostra como, mesmo apenas estando em um lugar, sem grandes esforços, simplesmente, é possível participar do que está acontecendo ali. Mas, como vocês veem, a imagem logo suscita reações. Alguém comenta: “Tenho medo dessa osmose: a tentação é que possamos pensar que isso acontece sem ele, então eu me vejo...”. Lembro-me de uma colocação de um aluno no fim de uma aula que eu tinha dado sobre os milagres que cotidianamente os discípulos viam convivendo com Jesus: “Eu ficaria atento! Para não me apegar demais”. Outros, ao contrário, pensam que a osmose é muito pouco: “Parece uma imagem um pouco passiva, em contraste com o trabalho que você nos indica sempre: a comparação contínua e a verificação na experiência”. Vejamos se as colocações nos ajudam a entender.

Colocação: *Gostaria de pedir uma ajuda sobre o ponto que você acabou de citar. Vou ler o trecho do livro que particularmente me questionou: “É na imanência, vivendo dentro da comunidade eclesial que, quase por uma osmose contínua, que tais verdades penetram, dia após dia, de maneira incalculável, através da membrana da nossa consciência. Chega-se, assim, àquela certeza e clareza da verdade de que o homem necessita para enfrentar a vida” (p. 263). Quando li isso, tive dificuldade de ir em frente, porque me senti muito questionada. Estou na comunidade há muitos anos, mas, apesar disso, ainda hoje o meu cotidiano é sempre cheio de preocupações reais e de pensamentos. Vivo meus dias empenhando tudo: energia, determinação, me colo inteira, no entanto, quando volto para casa à noite e olho para o que eu vivi, olho para mim e, muitas vezes, ao invés de me sentir fortalecida, sinto-me enfraquecida na consciência de mim. Isso me questiona, porque me parece exatamente o oposto daquela certeza e clareza de verdade da qual Dom Giussani fala, que, além de tudo, é extremamente desejável porque me parece que descreve uma...*

Carrón: Entendem por que a protagonista da canção pede que alguém a lembre? Se nós, que temos a sorte dessa companhia nos encontramos assim à noite, imaginem que dramaticidade para uma pessoa que percebe que está sozinha como um cão.

Colocação: *Então eu me perguntei onde está o engano, porque não me basta viver a comunidade se eu não estiver presente ali, não me basta viver a comunidade de modo mecânico, não me basta estar lá como se estivesse imersa em banho-maria. Fico muito tocada quando você nos diz que o risco real no qual podemos incorrer é de que a nossa fé seja uma fé “com prazo de validade”. E todas as vezes que você diz isso sinto as pernas tremerem porque está dizendo a nós, que vivemos dentro da comunidade, talvez diga a outros também, mas, de qualquer forma, o diz a nós.*

Carrón: Digo isso a mim!

Colocação: *Entendo que não é apenas uma expressão, é um risco real porque vejo sinais disso no meu cotidiano. Esse enfraquecimento do qual lhe falava antes, para mim, é um sinal. Além disso, também experimentei períodos nos quais estar dentro da comunidade pode levar à atrofia do coração, no sentido de que a comunidade pode me confinar. Então, evidentemente, o ponto sou eu. Dom Giussani disse que a verdade pode penetrar em mim se passa “através da membrana da nossa consciência”.*

Carrón: Perfeito! Estão vendo? Quando a vida urge, começamos a perceber que ali há elementos que nos dão alguma sugestão para resolver a questão que temos. Vamos repetir: “A membrana da nossa consciência”. Diferente de mecânico!

Colocação: *Exato, foi exatamente aí que nasceu a pergunta: o que pode despertar o eu, o que pode fazer vibrar a membrana da consciência, ou seja, fazer com que se deixe atravessar, de modo que a dinâmica da qual Dom Giussani fala atue de maneira que a pessoa possa chegar àquela certeza, possa construir a si mesma? Preciso realmente de ajuda em relação a isso.*

Carrón: O que vocês dizem?

Colocação: *Depois de um primeiro impacto com o parágrafo sobre o magistério ordinário, percebi como era pertinente à vida, à vida comum, como diz o texto. E, nesse sentido, o Dia de Início de Ano e a sua insistência sobre a pobreza me ajudaram.*

Carrón: Você, que é engenheira, explique-nos a imagem da osmose.

Colocação: *Nos últimos tempos, muitas vezes experimentei uma novidade de olhar e de posição diante de circunstâncias e pessoas para mim absolutamente impensáveis. É evidente para mim que tal novidade nasce e cresce pela permanência na nossa companhia, ou seja, na Igreja, mas a descrição cientificamente perfeita da osmose ajudou-me a entender qual é a modalidade com a qual tal novidade pode crescer. De fato, uma osmose qualquer acontece na presença de uma diferença de potencial, de pressão, de concentração. Sem essa diferença, a osmose não acontece, tudo permanece em equilíbrio e nada se move. Nesse sentido, eu me dei conta de que somente se sou pobre, ou seja, se há uma diferença, se permito que haja essa diferença, a osmose acontece e uma vida nova pode entrar, a novidade que vejo no rosto de tantos amigos torna-se minha também. Essa pobreza, esse estar desarmada diante da companhia e da realidade inteira é realmente a*

única possibilidade para que algo aconteça. E ficou claro para mim que, justamente porque se realiza essa osmose, a pobreza é a verdadeira possibilidade de eu ser eu mesma e, num certo sentido, protagonista. De fato, essa osmose não acontece de modo automático e, no fundo, um pouco alienante, isso realmente não seria bom para mim! Entendo isso porque, muitas vezes, a permanência na companhia e a fidelidade aos gestos propostos parece que não produzem novidade alguma. Diante do insucesso e da desilusão, o juízo final é o de que, então, tudo isso não serve para nada (eu disse isso muitas vezes!), mas este é o juízo que emerge quando já sei, quando não admito a diferença. Ao contrário, aceitando essa diferença dramática com o mistério da nossa companhia e de toda a realidade, vejo que começa a entrar uma novidade que se explicita em uma consciência nova de mim mesma e da realidade, e é acompanhada de uma liberdade impensável, mesmo diante do erro, meu e dos outros. E por isso, estar desarmada e impotente, em muitas circunstâncias, não me dá mais muito medo. E essa diferença torna-se até desejável. E me dou conta de que não estou sozinha, porque a pobreza de espírito é sinal do Seu acontecimento, o sinal de que o Acontecimento está acontecendo a mim agora, como você dizia no Dia de Início de Ano.

Carrón: E qual é essa diferença de potencial: explique-nos melhor isso.

Colocação: *É a diferença que sinto em relação à realidade. Em muitas circunstâncias sinto que sou inadequada, desejo muito, e vai além do que aquilo que, no fim, pode ser imediato no relacionamento com a realidade: diante dos alunos, no relacionamento com as pessoas mais queridas. Por isso percebi que, admitindo que existe essa diferença – mesmo que banalmente –, a minha posição se torna diferente e no relacionamento, sobretudo com a companhia, percebo que o outro é diferente; não há nada a fazer, é diferente. E admitindo que exista essa diferença, posso me colocar em jogo, e Ele entra. De fato, a coisa mais bonita é que realmente não me sinto só.*

Carrón: Por que não se sente só?

Colocação: *Porque esse desejo, essa diferença, essa dramaticidade não é criada por mim. Entendi isso, ou seja, às vezes eu desejo, mas não consigo, preciso mendigar.*

Carrón: A diferença de potencial está entre o que é a Igreja e o que eu sou. Graças a isto podemos entender o que é a Igreja e o que ela carrega, e qual é a diferença de potencial entre a Igreja e a minha necessidade. Porque não é tudo igual, eu e a Igreja não somos a mesma coisa. A Igreja provoca constantemente em mim o despertar do meu eu e gera em mim a pobreza. Neste período, quantas vezes citamos o Inominado? A diferença de potencial é aquela pela qual o Inominado, com todos os erros que tinha cometido, encontrou algo tão diferente, que exclamou: “Agora eu me conheço, compreendo quem sou” (A. Manzoni, *Os Noivos*, Editora Scipione, 2002). E essa diferença de potencial fez surgir nele uma pobreza tal que daquele dia em diante ficará ali insistentemente como um mendicante, esperando diante da porta do Cardeal. É a possibilidade para entender o que é a Igreja, e qual diversidade traz ao mundo. Cristo é de tal forma diverso que gera até a pobreza necessária para deixá-Lo entrar.

Colocação: *A pobreza não é um esforço meu. Isso, de fato...*

Carrón: Exatamente. E cada um deve descobrir isso dentro de si, dentro da própria experiência, porque senão são palavras das quais não nos damos conta e podemos resistir a elas. Por quê? Sempre me lembro do que Bento XVI nos recordou em *Spe Salvi*, que “um progresso por adição só é possível no campo material [...]. No âmbito da consciência ética e da decisão moral [no que diz respeito aos relacionamentos] não há tal possibilidade de adição, simplesmente porque a liberdade do homem é sempre nova e deve sempre de novo tomar suas decisões. Nunca aparecem simplesmente já tomadas em nossa vez por outros” (n. 24). Não é mecânico, não pode ser mecânico. Por isso, Giussani usa com uma precisão solar a palavra “consciência”. Se, quando o Senhor me escolhe para se fazer sentir, me tira da minha distração e me torna novamente pobre, não tomo consciência de mim e não O acolho continuamente, Ele não perpassa, não entra em mim! Podemos estar diante de milhares de milagres, como aconteceu com os fariseus, e não deixá-Lo entrar. Não é que a diferença de potencial não estivesse diante deles, mas a membrana da consciência não O deixava passar. É preciso entender que a imagem não é mecânica, que deve sempre haver uma fenda por onde passa essa diferença. Aqui está o drama da nossa liberdade, graças a Deus! Por isso,

quero tranquilizar quem tem medo da osmose: não há problema, não se preocupe porque nada entrará em você se você não quiser! O Mistério não usa da sua distração para entrar na sua casa! Passa apenas através da sua consciência. Isso me parece fundamental, senão tudo se torna mecânico, pensamos que basta estar aqui e esquentar a cadeira. Isso é o formalismo do qual falamos neste período. Ao contrário, é a nossa disponibilidade – você usou a palavra “pobreza” – que pode deixar entrar essa novidade. E esse é o drama que vivemos.

Colocação: *Lendo o trecho da Escola de Comunidade que fala sobre o magistério extraordinário, me tocou quando Dom Giussani diz: “Portanto, quando na Igreja é proclamado um dogma, nunca é fruto de uma repentina convicção ou de uma reação inconsiderada. É, antes, algo semelhante ao que acontece a cada um de nós quando, tendo trazido consigo durante muito tempo certas impressões ou persuasões ou intuições, em dado momento, por ocasião de um encontro ou de um acontecimento particularmente significativo, toma consciência clara delas e as expressa. Pois a vida de Cristo na história da Igreja é uma vida que cresce. Toda a riqueza da verdade é Cristo: a vida da Igreja toma sempre mais consciência do que Cristo lhe trouxe, e por isso daquilo que ela tem em si. A formulação dogmática coincide com este salto qualitativo na consciência da Igreja e, portanto, das pessoas que estão nela” (p. 268). Eu me dei conta de que para mim é exatamente a mesma coisa, comigo acontece a mesma dinâmica descrita aqui: eu também tenho continuamente necessidade de tomar consciência do que já me acontece. Algum tempo atrás, fui a uma missa no domingo onde foi batizado um menino que eu não conhecia. Durante a celebração fui invadida por uma comoção imprevista, um pensamento em particular veio em minha mente: “Estou realmente aqui, eu de verdade, eu mesma, esta manhã me levantei, me vesti e vim, em primeiro lugar, para Te encontrar na Tua casa? Quem és Tu para mim para eu ter decidido vir livremente aqui? Será que Te amo mais do que percebo?”. Não sei explicar bem, mas naquele momento, de repente tomei consciência de que a minha história particular é tecida pelo relacionamento com Ele e que muitas vezes, estou tão imersa nas minhas imagens, no pensamento que tenho sobre mim mesma, que nem me dou conta. Tive a mesma intuição diante da imensa comoção que nasceu no meu coração por aquele menino desconhecido: “Estou mesmo me comovendo porque esse menino se torna Teu? Quem és Tu para mim, a ponto de me comover ao pensar que essa criança também pode começar a gozar do relacionamento conTigo? Tu realmente me tomaste. Eu Te conheço, este mesmo fato me revela que a minha vida é cheia de sinais Teus, senão o meu estar aqui hoje e essa comoção sem fim por esse menino não seriam possíveis”. Então, uma nova pergunta nasceu em mim: “Posso realmente dizer que Tu bastas ao meu coração?”. Naquele momento, pensei na minha vida, nos rostos que acompanham a minha vida e que marcam a minha história particular, pessoas que são tomadas comigo e, de repente, pensei: “Na verdade, sou feliz, sou grata pelo que tenho”. Essa tomada de consciência num instante desafiou todas as imagens que tenho da minha realização (na minha idade, ainda não sou casada, não tenho uma profissão, etc) porque ao pensar naqueles rostos percebi que a gratidão que domina a minha vida pela Sua companhia basta para me fazer feliz. Depois, todas as perguntas permanecem, mas tocou-me muito ter percebido, pensando na minha experiência, que já sinto-me grata e feliz por tudo o que há na minha vida. Foi uma surpresa para mim, uma surpresa em relação a mim mesma, até porque muitas outras vezes, quando estou só diante dos meus pensamentos e das minhas imagens, o que domina em mim é o lamento. Este pequeno fato me iluminou, porque me fez desejar cada vez mais conhecer, tomar consciência daquilo que já acontece na minha vida, submeter cada vez mais a razão à experiência. “Eu já Te conheço, já existem todos os sinais de Ti na minha vida, mas preciso aprender a ver como Tu já és suficiente, como já sou feliz e plena”. Apostaria realmente tudo nessa felicidade, porque continuamente eu me afundo, mas tudo já existe, o ponto é conhecer aquela intuição de um instante que tive, conhecer a felicidade que já existe na minha vida. Posso dizer que o que basta ao meu coração existe porque me aconteceu. Eu já tenho tudo. Nós já temos tudo. Trata-se apenas de conhecê-lo e ter cada vez mais consciência disso. E isso é impressionante. Sou a primeira a dar por*

óbvio esse tudo que já me tomou, porque a minha vida é tecida por esse relacionamento que é quase imediato. Mas não o seria, se não fosse tão real.

Carrón: Participando cada vez mais conscientemente da vida da Igreja, um fato como o Batismo pode despertar essa consciência de si. A quantos de nós aconteceu participar de um Batismo sem que quase nada acontecesse? Porém, quando a pessoa vai atrás do contragolpe, começa a perceber que essa iluminação, esse ter sido marcada de maneira tão forte é a modalidade com a qual Cristo se torna presente, é a modalidade através da qual O conheço, o divino passa por mim, me alcança. Eu Te conheço. E, ao mesmo tempo, como sempre dizemos, não terminei de conhecê-Lo! A Sua revelação O torna cada vez mais presente como Mistério, por isso tenho cada vez mais vontade de aprender a olhar para aquilo que me aconteceu, a olhar para Ti. É assim que Igreja nos faz conhecer a nós mesmos e nos faz conhecer a Ele, porque torna possível uma experiência humana que é incomparável com qualquer outra. Que graça poder dizer: “O que basta ao meu coração existe porque me aconteceu”! Não porque sou bom ou porque estou à altura, mas “porque me aconteceu”, enquanto muitos ainda estão buscando, às apalpadelas, algo que torne a vida, vida. É isso o que se comunica – também ao amigo que me escreveu do outro lado do mundo – através desta realidade humana que é a Igreja. E isso torna apaixonante até o instante.

Colocação: *Fiquei muito marcada, na Escola de Comunidade desta semana, pelo trecho que fala sobre viver o instante. O valor de uma vida absolutamente não clamorosa está em viver o instante como aspecto e função do amor ao todo. Ultimamente, para mim, viver o instante tornou-se um ponto crucial da vida, justamente porque nos últimos anos foi uma das coisas, ou, melhor, a coisa sobre a qual tive mais dificuldade. Penso no meu trabalho: comecei a trabalhar há poucos anos e quase sempre prevaleceu em mim uma insatisfação, porque não estava contente com o que fazia. Começava todos os anos dizendo a mim mesma que, finalmente, no ano seguinte teria o reconhecimento que esperava. Os anos passaram e esse reconhecimento nunca chegou. Ao contrário, a minha frustração e minha raiva aumentaram, porque todos os anos vivia em função do ano seguinte, o instante presente não era sequer olhado. Nestes anos, em que confiar-me parecia a coisa mais difícil do mundo, pedi muito para poder viver o instante e poder enfrentar o presente. Sempre chorando, irritada e desconfiada em relação a muitas coisas, com dificuldade permaneci grudada na companhia e nos amigos que mais me ajudavam a estar diante das minhas dificuldades. Nas muitas conversas que tive com meus amigos, todas as vezes parecia-me estar no mesmo ponto, parada, e a minha consciência permanecia a mesma, e isso era uma dor muito grande. Outro dia, por acaso, falava com uma colega e ela me perguntava quais eram os meus planos para o próximo ano, se tinha alguma ideia, e fiquei impressionada com o fato de que não tinha planos, pela primeira vez, realmente me interessava viver o instante. Perguntei-me como tinha sido possível acontecer algo que me parecia magia, mas me dei conta de que não era uma magia imprevista, mas fruto de um trabalho que fiz quase inconscientemente: durante anos pedi para aprender a confiar-me realmente, como Maria, a estar realmente disponível, não até um certo ponto, como sempre fiz. Tudo isso passou através das mil perguntas e conversas, e foi fundamental entender que o ponto não é censurar a pergunta, o desejo de bem e de me sentir realizada no trabalho (porque, a um certo ponto, tentei eliminar tudo), mas que a única coisa que vale a pena é olhar para ele dentro do sofrimento e da raiva por um destino que não é meu até o fundo. Poder viver livremente a pergunta sem censurar nada, sem me escandalizar com a dificuldade e por não dar aparentemente nenhum passo, foi a reviravolta que finalmente me fez respirar, olhar para a minha falha quase com simpatia e poder finalmente viver o instante.*

Carrón: A mudança que a Igreja introduz chega até aí! Porque a pessoa pode saber tudo, mas não estar no presente, nunca viver o instante, estando sempre desconfortável consigo. Por isso, não subestimem estes sinais, porque são sinais d’Aquele que torna presente o presente, a coisa menos óbvia que existe. Sempre me lembro de uma frase de Graham Greene que, no seu romance, diz: “Para mim, o presente nunca é agora” (G. Greene, *Fim de Caso*, editora Bestbolso, Brasil 2007). Nunca coincidir, nem por um instante, consigo mesmo é a coisa mais dramática que pode existir.

Por isso, poder viver o presente desse modo, mostra o que passa através da presença da Igreja na qual estamos imersos. Durante anos podemos achar que estamos no mesmo lugar, porque as coisas acontecem no tempo segundo um desígnio que não é o nosso, mas somente quem tem a consciência de se confiar dá-se conta de que é isso, e não uma magia qualquer, que torna tudo diferente. É uma consciência que cresce, uma vida que cresce, e que investe um aspecto da realidade que estamos enfrentando agora: a política, as eleições.

Colocação: *Chegaram as eleições [na Itália ocorrem dia 4 de março].*

Carrón: Chegaram, pontualmente!

Colocação: *Como aconteceu muitas vezes desde que, quarenta anos atrás (hoje, tenho 65), encontrei o Movimento. Dou-me conta da graça de ter uma posição diferente. Esquematizando de um modo um pouco bruto, e irônico, pode-se dizer que passei, junto com tantos amigos filhos da contestação de 68, por várias etapas. No início segui, muitas vezes com má vontade, as indicações sobre em que Partido votar, e quais candidatos (com mais má vontade ainda) dentro daquele Partido. Depois apoiei os “nossos” envolvidos com a política, porque eram nossos (o que está fazendo, não está apoiando os nossos?). A próxima etapa foi apoiar aqueles que defendiam as “nossas” obras, porque “as obras representam uma presença paradigmática na sociedade”, “viva as obras de qualquer modo e em todos os lugares”. Em seguida a malha das escolhas possíveis se ampliou. Acreditei ter entendido que precisava tentar descobrir com quais candidatos poderia me identificar, que afirmassem os princípios básicos da sociedade italiana e europeia. Lá estava eu trabalhando na investigação de rostos e programas: este um pouco mais, aquele um pouco menos, talvez aquele outro... Hoje, essa postura me parece secundária, de retaguarda, porque, no fundo, eu não estou presente. Não nego nada do passado, pelo contrário, cresce a gratidão pelo caminho que me foi permitido fazer, seguindo o Movimento. Hoje, portanto, observando as posições que o mundo político cotidianamente nos oferece, me veio à boca a mesma afirmação do nosso amigo detento, que muitas vezes você nos lembrou: não podem se comportar de modo diferente porque nunca foram tratados como eu fui tratado. O que para mim é evidente, para eles é muito distante porque não fizeram uma experiência na qual o seu “eu” tenha florescido. Para entrar um pouco no detalhe, me marcam em particular duas dimensões que são sistematicamente deixadas de lado. A primeira é a leitura da situação. Limito-me apenas a três dos chamados de atenção proféticos do Papa. Primeiro: ninguém se dá conta – e, portanto, declara como ponto de partida para qualquer ação – de que estamos em guerra, a “terceira guerra mundial em pedaços”. Segundo: o sistema econômico não se sustenta porque é pautado sobre a exploração e o descarte que estão devastando os povos e o planeta. Terceiro: os fluxos migratórios são um fenômeno global irreversível. A segunda dimensão que é ignorada é a individualização do sujeito habilitado para enfrentar os problemas. Também aqui o Papa não se cansa de chamar a atenção para não delegar a ninguém, mas cada um assumir as próprias tarefas e responsabilidades: um povo, como a unidade de cada liberdade irrepetível. A política, ao contrário, continua propondo soluções que presumem que ela própria seja o único sujeito possível de mudança. O resultado dessa dupla cegueira é a esquizofrenia que cotidianamente assistimos. Hoje – aqui está a novidade –, porém, percebo em mim, ao invés do escândalo ou da sensação de impotência, o ímpeto a dialogar, a encontrar os políticos, mas não mais como antes, para tentar tirar vantagens ou esperar encontrar improváveis convergências econômicas, éticas, culturais... (quantas vezes nós atuamos nesse espetáculo deprimente). Todas, posições intrinsecamente perdedoras porque esperam algo “da” política. É exatamente o contrário: são eles – como todos – que precisam de mim, de nós. Porque sem uma experiência de novidade para si mesmos nunca poderão ver, entender e, portanto, agir, de modo diferente. É uma inversão total da concepção da política, que hoje – percebo – é prevalentemente vivida como uma divindade à qual o indivíduo se deve prostrar. A questão política, no entanto, torna-se interessante porque, se eu sou protagonista, chega ao coração do ser, torna-se ocasião para reconhecer a vitória desarmada de Cristo que muda tudo e todos. Uma presença livre, leve,*

criativa, onde você não é mais escravo de ninguém, porque está ligado ao Único que vale a pena servir. Obrigado, muitíssimo obrigado, por sua paternidade.

Carrón: Este é apenas um exemplo do percurso de quem, participando da comunidade cristã, aceitando todos os desafios, cresce na consciência de si a ponto de tornar evidente – desmascarando qualquer pretensão ideológica da política sem precisar, por isso, se retirar do mundo – a novidade com a qual se pode olhar a política, de modo a poder oferecer a própria contribuição superando a tentação, que acontece às vezes também entre nós, de se desinteressar, como convocaram os Bispos lombardos na nota para as eleições que está no site de CL. O percurso pessoal que ele descreveu está ligado ao percurso que todos nós fizemos dentro da vida do Movimento.

Colocação: *Parece-me que a esse percurso pessoal corresponda um percurso objetivo do Movimento nestes anos. Se o perdemos, perdemos de vista um pedaço da história italiana, não apenas a nossa. Porque o nosso papel objetivo como Movimento é dado pelo fato de que passamos da defesa da nossa parte, das nossas coisas, em um País em que tudo é discussão, a uma tentativa de nos colocarmos a serviço do bem comum, de uma convivência operosa, de uma governabilidade real. Este é o valor “político” destes anos, que gostaria de documentar em quatro passagens. A primeira: sua carta para o La Repubblica de 1º de maio de 2012 que, admitindo os nossos limites, colocou em jogo a positividade da contribuição que podíamos dar. Segunda passagem importante: a vinda ao Meeting de dois Presidentes da República Italiana. Napolitano e Mattarella nestes anos são expressões daquele núcleo duro do País, preocupado com o colapso econômico da Itália e com as divisões que possam levar a um declínio definitivo do nosso País. Em seu discurso no Meeting, Napolitano falou da necessidade de não parar de construir a Itália a partir de baixo buscando o bem comum (e quando foi reeleito disse isso novamente, lembrando justamente aquele discurso), e Mattarella lembrou que o “nós” é a democracia e passar do “eu” ao “nós” permite olhar para o futuro. Portanto, tivemos um diálogo sobre esse ponto fundamental. Terceira passagem: continuamos construindo, nestes anos difíceis, corpos intermediários exemplificativos: Banco de Alimentos, AVSI, Cometa, Portofranco e muitos outros, exemplos de uma construção de bem para todos. Continuamos exortando quem faz e trabalha; pensem no panfleto da CdO sobre o instante imprevisível, na ideia de construir trabalhando. Insistimos sobre a subsidiariedade, dizendo que a Itália é construída com a união de todos, nos educando a construir de baixo, a partir de um ideal vivido, enquanto todos falam de análises que fogem da realidade. Quarta passagem: as muitas apresentações de “A beleza desarmada”, com uma abertura de trezentos e sessenta graus em que você, Carrón, encontrou as pontas mais avançadas dessa preocupação leiga do País, pessoas muito distantes de nós, mas que concordam com a ideia de que a coisa mais importante para a política é ajudar a construção de um sujeito fundamentado no maravilhamento, na abertura, no amor ao ideal, à fé. Pensemos nos inúmeros artigos publicados em jornais, como o de La Repubblica intitulado “Também na política o outro é um bem”. Sem isso, não há convivência. Neste momento de escolha não podemos esquecer esse papel político, pré-partidário, que o Movimento exerceu. Como está escrito no panfleto “A política, dimensão essencial da convivência civil”, com o discurso do Papa em Cesena. É justamente esse o papel “político” que o Movimento testemunhou nestes anos – político segundo o sentido que o Papa deu a essa palavra naquele discurso –, um papel público, diante de todos e para o bem de todos através da forma de uma presença encontrável, e não espiritualista.*

Carrón: Essa modalidade descreve o que emergiu nestes anos também entre os nossos universitários, que fizeram tentativas que brotaram da experiência que vivem. Por isso, antes do Natal perguntei a um grupo de universitários que experiência tinham feito na universidade e se essa experiência os estava ajudando a enfrentar as próximas eleições.

Colocação: *Para responder a essa pergunta olhamos para o caminho feito nestes anos. Um estudante conta: “Há mais de um ano foi apresentado nos órgãos uma proposta da universidade para modificar de maneira bastante considerável o calendário acadêmico. Nós, estudantes, não*

estávamos de acordo. Marcou-me a diferença de postura entre nós e alguns representantes de outras chapas, embora muito estimados, inteligentes e capazes do ponto de vista técnico. Eles, irritados e contrariados empacaram no próprio 'não'. Nós nos movemos para entender quais eram as reais exigências da universidade e o Reitor, quando percebeu essa nossa postura, nos envolveu no projeto, pedindo-nos para indicar antes de todos quais eram as exigências fundamentais de todas as partes. Depois de meses de trabalho, foi feita uma boa reforma que buscava acolher as necessidades de todos. Fiquei impressionado porque outras chapas, aos poucos, abandonaram sua postura inicial e foram incluídos nesse processo. A diversidade dos sujeitos em jogo foi fundamental para levar em conta todos os aspectos. Um interesse genuíno pelo bem comum e não pelos próprios objetivos, como dizia o Papa no seu discurso em Cesena, e uma postura de abertura e identificação, de acordo com a minha experiência, são as coisas que mais constroem. E então não posso, depois de ter visto e vivido isso, não levar isso em conta agora, em vista das eleições".

Também na minha faculdade, o ponto de partida foi uma necessidade, ou seja, perceber que os estudantes eram obrigados a estudar à tarde as matérias dos anos anteriores e não aquelas que faziam nas aulas da manhã. Apresentamos o problema aos colegas das outras chapas e, juntos, elaboramos uma solução; estudamos as fontes normativas e conversando com os professores expusemos nossa proposta de reforma da grade de horários. Depois de dois anos, a tentativa faliu. O mandato terminou e não conseguimos a mudança. No entanto, não foi tempo perdido: crescemos no relacionamento com colegas que pertencem a um grupo estudantil que nasceu explicitamente para "expulsar os ciellinos" dos órgãos acadêmicos e que agora se tornaram nossos amigos. Sobretudo crescemos na consciência de que é possível enfrentar qualquer desafio sem ser determinados pelo resultado. A nossa chapa tornou-se uma casa para todos, um lugar de encontro. Os participantes de outras chapas participam da nossa reunião, mas isso não é um fato casual. Um estudante de economia escreve: "É o fruto inimaginável de relacionamentos de amizade que nasceram do trabalho nos conselhos de faculdade, nos alojamentos da universidade e durante as últimas eleições. Um representante de outra chapa nos perguntou se queríamos começar com ele um trabalho de aprofundamento sobre o referendun que aconteceu na Lombardia em outubro passado. Tinha simplesmente o desejo de entender. Um rapaz a quem até há alguns meses tínhamos dificuldade até de cumprimentar nos corredores, agora está me pedindo para me envolver com ele?! Eu também tenho esse desejo, vou atrás dele! Começamos a acompanhá-lo nesse trabalho. A nossa unidade é uma novidade histórica e cultural da qual toda a universidade está se beneficiando. Por que com as eleições políticas deveria ser diferente?".

Levar a sério as necessidades e as exigências que se apresentam está gerando relacionamentos inesperados não só com os companheiros, mas também com as autoridades acadêmicas. Outro estudante conta: "Organizamos um encontro para explicar as atualizações relativas à última lei para se tornar professor. Semanalmente nos encontramos com docentes e administradores para entender como será possível apoiar alguns novos exames necessários para a habilitação. Nunca teria imaginado o que aconteceu da última vez que fomos recebidos na presidência. Fomos apenas para avisar o diretor que faríamos um encontro. Assim que dissemos a ele, a única coisa que nos respondeu foi: 'Ótima ideia, só me digam quando será para eu ver se consigo estar presente'".

Os fatos narrados documentam que diante das diversas circunstâncias há uma alternativa de posições, como se pergunta outra amiga: "Fico na minha, ou me envolvo? Quando voltava ao alojamento, cansada, queria apenas comer com pessoas conhecidas, para descansar um pouco. Quando entrava no refeitório, porém, as meninas me chamavam para sentar com pessoas que não conhecia. A campanha eleitoral foi uma grande ocasião: ajudou-me a manter os olhos abertos, a dar-me conta do que existia, das meninas no refeitório de manhã para o café, quando ninguém tem vontade de falar, do colega que se senta do meu lado na aula, de tudo o que há na universidade".

A descoberta que muitos de nós estão fazendo é que se envolver na vida política é, antes de mais nada, ocasião para verificar a fé. Essa verificação gera entusiasmo e faz com que nos interessemos por tudo, até pelas eleições políticas, como diz um amigo: "Desejei organizar um encontro com os amigos do Movimento para desafiá-los: dizer para que se vota, como é feita a lei eleitoral, quem se candidata,

como nos últimos anos as forças em jogo mudaram, para o que olho para decidir em quem votar. Nestes anos de participação no CLU, o Movimento está me educando a não perder nada do que acontece e a não ficar parado olhando da varanda”.

Carrón: São tentativas de pessoas que, de algum modo, se colocam em jogo. Não somos nós que decidimos as provocações da realidade, as eleições chegam. E quando chegam, muitos ficam confusos: não há clareza, então há quem pensa em abstenção. “Pelo menos desta vez, depois veremos”, sugere alguém. Ao contrário, justamente essa situação pode ser uma ocasião para amadurecer. Pensem no que vimos e estamos vendo na Escola de Comunidade: o crescimento da consciência da Igreja não acontece fora da história, mas através das provocações da realidade. Muitas vezes um dogma foi definido justamente depois da urgência de entender alguma coisa do mistério cristão diante de um desafio histórico, e só trabalhando, discutindo, aprofundando surgiu uma clareza. Nós não podemos fazer de modo diferente. Os desafios históricos que colocaram a comunidade cristã em ação, nos colocam em ação todos os dias. Disso nasceu uma maior consciência da Igreja. As eleições são uma ocasião para isso. Temos alguns instrumentos à nossa disposição para esse trabalho: em primeiro lugar, o discurso do Papa em Cesena, que é uma documentação, como se dizia, do que é um olhar para a política com o desejo de entender o que é o bem comum. Depois, há o discurso do cardeal Bassetti na CEI e o documento dos Bispos lombardos: todos exprimem a preocupação de que, diante do desinteresse geral, possa crescer cada vez mais um sujeito consciente que ajude a deixar as coisas claras, não se deixando levar pelas fantasias de algumas promessas eleitorais, mas com o realismo de ver o que é possível fazer nesse momento histórico, sem deixar que a presença de católicos em diversos partidos signifique uma laceração do corpo da Igreja. Tudo isso, junto com o panfleto da CdO, são instrumentos muito úteis para fazermos esse caminho de maior consciência.

Para usá-los adequadamente talvez seja oportuno lembrar alguns pontos – os quais devemos guardar – da Escola de Comunidade. Muitas vezes dissemos que estamos confusos em relação à política. Mas olhem o que Dom Giussani escreve no capítulo terceiro de *O Senso Religioso*: “O coração do problema cognitivo [...] não [está] numa capacidade particular da inteligência [ninguém pode se eximir dizendo que não é capaz, porque não é uma questão de capacidade de inteligência]. Quanto mais um valor é vital e elementar na sua importância – destino, afeição, convivência [por exemplo, a política] – mais a natureza dá a cada um a inteligência para conhecê-lo e julgá-lo [é através da experiência elementar que cada um, colocando-se diante da realidade, pode conhecer e julgar]. O centro do problema é realmente uma posição justa do coração, uma postura exata, um sentimento no seu devido lugar, uma moralidade. (L. Giussani, *O Senso Religioso*, Paco Editorial, São Paulo 2018, p. 54). Isso tem ligação, como vimos, com o tema da missão da Igreja para com o homem terreno. Giussani nos lembrou qual é a função da Igreja na cena do mundo, que nada mais é do que a própria função de Jesus: a educação ao senso religioso, ou seja, o despertar do eu, “onde, por religiosidade [...] entendemos [...] a posição exata como consciência e, quanto possível, como postura prática do homem diante do seu destino” (p. 232). Isso não é despertado só com as eleições, é a isso que somos constantemente educados participando do corpo da Igreja, e se vê também no modo com o qual enfrentamos as eleições. “A Igreja solicita, portanto, a uma ‘reta postura’ com relação a si mesmo e à existência, convida, como uma mãe experiente na vida, ao realismo, a agir de forma tal a lembrar como são de fato as coisas” (pp. 237-238), não a acreditar em fantasmas ou nas soluções impossíveis. “A igreja, portanto, não tem como tarefa direta fornecer ao homem a solução dos problemas que ele encontra ao longo de seu caminho [por isso, nem o Movimento tem]. Vimos que a função que [...] [a Igreja] declara ser sua na história é a educação ao senso religioso [...], [ou seja], a uma postura certa do homem diante do real e das suas interrogações, postura certa que constitui a melhor condição para encontrar respostas mais adequadas para essas interrogações” (p. 242). Quais são os problemas? Problemas como a cultura, o amor, o trabalho, a política, a solução de tais problemas: “Não poderia ser subtraída à liberdade e à criatividade do homem, quase como se a Igreja tivesse que lhe dar uma solução já confeccionada [não é esta a missão da Igreja], porque [...] deixaria a sua originária postura educativa e tiraria o valor daquele tempo que o homem envolvido

pela iniciativa ‘histórica’ de Deus deve ser chamado a considerar profundamente ‘sagrado’” (p. 242). Se a Igreja [portanto] proclamasse como seu objetivo o de apresentar as soluções para o esforço humano de promoção, de expressão, de busca [permitindo-nos não fazer nada] faria, para voltar à imagem da mãe que evocamos, como aqueles pais que têm a ilusão de resolver os problemas dos filhos substituindo-se a eles” (p. 241). Se poupar seus filhos não ajuda, por que pedir ao Movimento ou à Igreja que poupem vocês? Cada um tem uma tarefa a cumprir. Há os instrumentos, e cada um deve se envolver, como se dizia antes. O que vale para a vida da Igreja vale para a vida do homem. Por isso o desafio é este: justamente pela geração do nosso eu que acontece na comunidade cristã, como estamos diante da provocação das eleições? Que necessidade vemos? Porque, quanto mais identificamos com clareza as necessidades, tanto mais podemos entender quem responde a elas, senão erraremos sobre todo o resto. E quando as vemos e as reconhecemos como verdadeiras e reais, nos deixamos provocar por essas necessidades? Não é um problema para os envolvidos com o trabalho, para algum especialista que se dedica ao bem comum, é um problema que diz respeito ao sujeito cristão. Para nós, as eleições são uma oportunidade para fazer a verificação da fé na maneira com a qual estamos diante das necessidades, se nos surpreendemos vivendo a fé de modo tal que nos interessamos pelo problema de todos. Isso também é parte da verificação do que estamos vivendo. Fizemos a verificação nos gestos de caridade do mês passado, agora temos outra possibilidade de verificar a fé a partir de como nos movemos diante das eleições: ficamos esperando na varanda, ou a política nos diz respeito? No próximo encontro documentaremos a experiência que fizemos.

AVISOS

A próxima Escola de Comunidade acontecerá quarta-feira, 21 de fevereiro, às 21h00. Continuaremos trabalhando *Por que a Igreja*, pontos: 2) Nem tudo é dogma na Igreja; e 3) A trajetória da autoconsciência da Igreja, da página 270 à 277 (*Ed. Companhia ilimitada - São Paulo 2015*), também tendo presente tudo o que dissemos sobre as eleições, para verificarmos o que nos dissemos.

Banco Farmacêutico. Convido-os a participar também como voluntários no Dia da Coleta de Remédios 2018, que acontecerá em toda a Itália no sábado, 10 de fevereiro. Em milhares de farmácias serão coletados medicamentos para serem doados a mais de 1.700 entidades assistenciais que cuidam dos pobres. Para isso, são necessários muitos voluntários. Vocês podem encontrar todas as informações no site do Banco Farmacêutico (www.bancofarmaceutico.org).

Veni Sancte Spiritus